

FORMAS E CONSTRUÇÕES EM PORTUGUÊS EUROPEU: RELAÇÕES SEMÂNTICAS NA CONSTRUÇÃO DA REFERÊNCIA DOS ENUNCIADOS

CLARA NUNES CORREIA

(Universidade Nova de Lisboa / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, FCSH /
Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, CLUNL)*

Abstract: This paper discusses some of the semantic properties of the Portuguese forms já / agora / ainda, focusing on their plasticity in terms of temporal, aspectual and notional values. Taking in consideration the grammatical and lexical differences between ser and estar in European Portuguese (EP), some arguments that help explaining the grammatical value of já, agora and ainda are analysed in different sentences (and utterances) in which these verbs occur. As a theoretical principle it is argued that in linguistics a semantic value can be represented by a set of different forms and one linguistic form can present more than one semantic value. This non-stability can be regulated. The main objective of this work is to define the most relevant factors that are responsible for this non-stability and to propose some theoretical mechanisms that can explain and help describing it.

KEYWORDS: semantic values of já / agora / ainda; 'to be' verbs; aspect; tense; stability vs deformability

1. Pontos de partida

O estudo da referência está tradicionalmente associado ao domínio das expressões nominais. No entanto, o conceito de referência pode ser alargado, defendendo-se que uma sequência linguística bem formada, ao construir um dado estado de coisas, manifesta um valor referencial. É nesta aceção que me proponho, neste trabalho, apresentar alguns argumentos que permitam

* Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto PEst-OE/LIN/UI3213/2011.

Agradeço a leitura e os comentários feitos pelos membros da comissão de leitura. Os erros que ainda ocorram são, naturalmente, da minha inteira responsabilidade.

contribuir para um entendimento mais amplo da construção dos valores referenciais nos enunciados, a partir de mecanismos linguísticos presentes em diferentes sequências linguísticas (frases ou/e enunciados).

Como ponto de partida defende-se que todas as sequências linguísticas bem formadas gramaticalmente podem ser analisadas tendo em conta o seu valor [semântico], isto é, aquilo que significam como um todo. Esta hipótese de trabalho pode ser desenvolvida tendo em conta a interrelação que se estabelece entre formas e construções linguísticas.

Tomar-se-á num primeiro momento, como ponto de reflexão, a análise de formas como *já*, *ainda* e *agora*, e num segundo momento, tentar-se-á descrever construções em que existe uma coocorrência destas formas com os verbos *ser* e *estar*.

Em termos gerais, *já*, *ainda* e *agora* caracterizam-se por apresentarem como denominador comum uma não homogeneidade categorial e manifestarem algumas restrições de coocorrência com algumas classes (aspetuais) de predicados verbais. Se, por um lado podem desencadear restrições (e/ou interpretações diferentes) em relação à posição sintática em que ocorrem nos enunciados (v. exs 1 a 3), por outro lado, quando coocorrem na mesma sequência desencadeiam, igualmente, algumas restrições (v. exs 4 a 6):

1. *já li o livro* vs *li já o livro*
2. *agora li [um conto]* vs *li [um conto] agora*
3. *ainda corro[a maratona]* vs *corro ainda [a maratona]*

4. *já agora / agora já [tinhas falado comigo]*
5. *ainda agora* /? *agora ainda [o vi]a correr*
6. * *ainda já* / * *já ainda [li o livro]*

A primeira observação que pode ser feita em relação a estes exemplos é a de que, no primeiro grupo, aparentemente, todas as formas ‘adverbiais’² parecem marcar um valor predominantemente temporal, podendo lhe estar associado um valor aspetual sobretudo quando *já* e *ainda* antecedem o verbo (*já li o livro / ainda corro[a maratona]*). No segundo grupo de exemplos, a coocorrência de *já* e *agora*, na sequência *já agora tinhas falado comigo* constroem um valor estritamente modal, podendo ser parafraseado por *devias/deverias ter falado comigo*, enquanto que a sequência em que ocorre a ordem *agora já*, o valor temporal de *agora* é o valor preponderante, reservando-se *já* para a marcação de um valor de natureza aspetual (construção de um estado resultante). A forma de pretérito mais que perfeito composto localiza o acontecimento num eixo temporal, marcando ‘um passado do passa-

² Como designação alargada estas formas serão designadas como adverbiais, independentemente de, sob o ponto de vista morfológico, satisfazerem a categorização tradicional de advérbio.

do'.³ Os exemplos propostos em 5 e 6 merecem, também, alguns comentários. Em 5, a sequência de *ainda* e *agora* parece preferencial quando *ainda* antecede *agora*, marcando um reforço temporal da localização de *agora* podendo ser parafraseado por *mesmo agora / agora mesmo*. No entanto a ordem inversa dos adverbiais gera uma não interpretabilidade da sequência, amenos que exista uma pausa (prosódica) que os separe. Nesse caso, *agora* é preferencialmente interpretado como um marcador não-temporal, englobando-se naquilo a que com pouca precisão se pode designar como Marcador Discursivo.⁴

Se se analisar a coocorrência destas formas com os verbos *ser* e *estar*, podem observar-se particularidades específicas. Veja-se, a título de exemplo, o paradigma 7 e 8:

7. *agora / já / ainda é noite'*
7' *A Maria já / agora / *ainda é crescidinha'*

8. *agora / já / ainda está frio*
8' *A Maria agora / já / *ainda está velha*

Uma forma possível de dar conta da heterogeneidade observadas (e analisadas) anteriormente, e tomando agora como ponto de reflexão as diferentes formas e construções acima referidas, poderá assentar (como hipóteses explicativa) na proposta de (Culioli 1986, e.o.) em que se defende que existe uma relação interdependente entre a estabilidade de uma qualquer forma linguística (definida a partir de uma configuração abstrata que designa como *forma esquemática*) e a deformabilidade que essa forma ganha quando ocorre num determinado enunciado. Assim, e seguindo o mesmo autor, poder-se-á entender melhor esta hipótese quando se aceita que a uma mesma forma podem corresponder valores diferentes e a um mesmo valor pode ser marcado por formas diferentes. Esta interrelação entre formas e valores pode ser estudada tendo em conta um conjunto de condições – de natureza teórica e metodológica – centradas em três vertentes, mas que podem ser (ou estar) interligadas: a definição da *forma esquemática* que individualiza e diferencia cada uma das formas, a caracterização dos fatores que desencadeiam a deformabilidade dessa forma e, finalmente, a delimitação dos mecanismos que permitem o ajustamento das formas em jogo.

³ Sobre os valores do mais que perfeito ver, sobretudo Lopes 1997, Campos 2004 e Brocardo 2012. A expressão 'passado do passado' deve-se a esta última autora.

⁴ A etiqueta Marcador Discursivo não será usada neste trabalho por se entender existir uma imprecisão teórica e metodológica à volta desta designação. Mais à frente tentarei mostrar os valores associados (possíveis) a esta forma quando 'perde' o seu valor estritamente temporal.

Neste trabalho procurarei centrar a atenção nos dois últimos pontos acima referidos, tentando, assim, contribuir para uma estabilização descritiva que vise, em última análise, uma caracterização das formas em estudo.

2. Incidência temporal de *já*, *ainda*, *agora*:

Se tivermos em conta as propostas clássicas (ou tradicionais) que analisam estas formas, encontramos-as incluídas no vasto (e heterogéneo) conjunto dos advérbios de tempo. Ao fazer-se a sua caracterização semântica alguns autores (p. ex. Costa 2008), definem-nas como formas de localização temporal: “(...) os advérbios de localização temporal situam o evento no eixo temporal, [podendo estes estabelecer] uma localização definida, normalmente deíctica (...) [ou estabelecer] uma localização temporal indefinida (...)” (Costa 2008: 45).⁵

Independentemente da sua caracterização (mais ou menos tradicional), o que se verifica quando *já* / *ainda* / *agora* são estritos marcadores de tempo parecem reforçar o valor temporal marcado pelo tempo da forma verbal, tal como se pode verificar nos exemplos 9. Nestes exemplos, os valores de posterioridade, de anterioridade ou de sobreposição (simultaneidade) em relação ao ponto /momento da enunciação – (T0) – não são afetados pela coocorrência com estas formas:

- 9.a *Agora* /*já* /*ainda* vou cantar (posterioridade em relação a T0)
- 9.b *Já* cheguei /cheguei *agora* [mesmo] (anterioridade em relação a T0)
- 9.c *Ainda* /*agora* leio romances (simultaneidade em relação a T0)

No entanto, a localização estritamente temporal parece ser uma das muitas possibilidades de localização de que estas formas são marcadoras. Em alguns casos pode haver quer uma reinterpretação dos valores temporais do enunciado (caso de 10.) ou um bloqueio de ocorrência (como em 11.). No primeiro caso referido, – em que existe coocorrência de *já* com formas de presente do indicativo, p. ex., o estado de coisas construído não marca um valor de sobreposição temporal, mas antes uma ‘mudança de estado’, enquanto que, no segundo caso, existe incompatibilidade entre a forma verbal e o advérbio. Esta incompatibilidade é anulada se ocorrer um localizador outro que estabilize o estado de coisas construído (cf. p. ex. 11.a):

- 10. *Já* leio romances (reinterpretação: passei a ler, antes não lia)
- 11. **ainda* cheguei / **ainda* nasceu
- 11.a *ainda* cheguei a horas / *ainda* nasceu nesse tempo

⁵ Esta abordagem carece, no entanto, de algum suporte, já que a delimitação entre as fronteiras do que é definido e indefinido (em termos de localização) gera (ou pode gerar) alguma imprecisão na análise das sequências em que estas formas ocorrem.

A análise destas formas deverá ainda dar conta de alguns valores (não temporais) que podem ser aqui referidos⁶, e que, a título de exemplo se ilustra nos exemplos de 12⁷:

12.a *Ele vai ao restaurante, agora eu trago uma sanduíche*

12.b *Ele vai ao restaurante, já eu trago uma sanduíche*

12.c *Ele já fez o exame /*

12.d *Ele já tem escrito relatórios*

12.e *Volto já*

A primeira e mais imediata observação que se pode fazer é que só *agora* e *já* parecem, preferencialmente, poder ser marcadores de outras categorias (aspectuais/modais) dos enunciados em que ocorrem. Esta constatação, amplamente discutida na literatura, poderá ser descrita⁸ de forma que se possa relacionar e sintetizar as propriedades (estabilizadas, i.e., que correspondem às propriedades invariantes que estas formas manifestam). Assim, assumindo-se que, para além de marcadores temporais, *já* e *agora* são marcadores de valores aspetuais, desencadeando, no entanto, nos enunciados em que ocorrem, valores de natureza diferente: se *agora* marca uma passagem de fronteira (v. 12.a), *já* marca valores de duratividade (12d) ou de ‘imediatez’⁹ (12.e), sendo igualmente responsável pela atribuição do estado resultante (perfetividade) de acontecimentos linguísticos, como se exemplifica em 12.c. Sob o ponto de vista nocional quer *agora*, quer *já* partilham o mesmo valor. Veja-se, a título de exemplo, os enunciados 12.a e 12.b. Nestes dois casos qualquer uma das formas em análise é responsável pela construção de um complementar linguístico, marcando uma fronteira entre o estado de coisas primeiramente construído e o segundo estado de coisas.

3. Formas e construções

Como se referiu anteriormente, uma das vertentes possíveis (e desejáveis) de se dar conta dos valores das formas linguísticas é a de se descrever o seu funcionamento quando estas ocorrem em situações linguísticas (frases, enunciados, textos) em que os valores previamente assumidos podem sofrer

⁶ Sobre os valores não temporais, cf. para *já*, sobretudo Campos [1984] 1997. Sobre os valores não-temporais de *agora*, v. Matos 1997 e Sousa 2000.

⁷ Exemplos adaptados de Costa 2008, Sousa 2000 e Campos 1985

⁸ Esta análise é uma extensão, em termos de delimitação de valores, de uma proposta de Campos 1985 (*ms*). Neste trabalho a autora propunha-se definir a invariância de formas como *ser*, *estar* e *ficar*.

⁹ O conceito de imediatez, relacionado com os valores de *já* foi proposto por Campos ([1985] 1997) e retomado em Moreira 2005. Sobre valores de ‘já’ em outras línguas, nomeadamente em castelhano, v., e.o., Delbecque & Maldonado 2011.

alterações. Assim, neste trabalho, propus-me verificar quais as características das construções, em PE quando as formas *agora*, *ainda* e *já* coocorrem com dois verbos específicos (*ser* e *estar*).

Um dos primeiros pontos relevantes a ser tratados prende-se, naturalmente, com a proposta de análise sobre as características (semânticas) destes verbos.

3.1. *Ser e estar*: da permanência de *ser* à transitoriedade de *estar*

À análise de *ser* e *estar* em PE, sob o ponto de vista da sua interpretação, estão tradicionalmente associados valores que se excluem (transitoriedade de *estar* vs permanência de *ser*; atribuição de valores genéricos de predicções com *ser* vs atribuição de valores específicos a predicções com *estar*; localização espacial definida por *estar* vs localização modal (e existencial) definida por *ser*...). Em termos de funcionamento da língua estas diferentes interpretações não se excluem e podem, até, completar-se.

As constatações acima feitas de ocorrências diferenciadas entre estes dois verbos em PE podem tornar-se menos locais e mais generalizantes se se discutir o seu valor – em termos de diferenciação linguística – tomado como paradigma diferencial a ocorrência dos auxiliares na diversidade das línguas.

De acordo com Ratzlaff & Ratzlaff (2007) pode verificar-se que em línguas geneticamente diferenciadas do latim se observam processos de auxiliarização com verbos definidos como *to be*¹⁰ e *to have*, suportando os autores esta argumentação na proposta de auxiliarização proposta por Kuteva (1995: 374): “The auxiliatio constraint is claimed to be the reflection of a basic principle of the human conceptualization capacity, namely, that the abstract notions are conceptualized via their relatedness to a limit number of concepts directly meaningful for human beings (...).”

Se restringirmos a discussão para o âmbito das línguas românicas a opção de auxiliarização de verbos como *ser* assenta em razões que se prendem inerentemente com processos de gramaticalização: “(...) because of its volatile nature in the Present tense (...) *to be* has easily served as an ‘aspectual marker’, especially in languages which can express possession without their verb *to have*.” (idem: 154).

Esta argumentação pode ser reforçada com o exemplo do Latim (e do Português) em que *to be* é marcador de posse, como se pode observar em *mihi est rosa / a rosa é minha*

Nos casos em que ‘to be’ ocorre como verbo ‘pleno’, marca ou valores existenciais, verificados por exemplo, nas ocorrências de *to be* em inglês (*she is young / ela é nova*) ou valores de localização (*she is at work / ela está no trabalho / ela está a trabalhar*).

¹⁰ As etiquetas ‘to be’ e ‘to have’ abarcam verbos que em línguas como o Português, e.o., se diferenciam lexicalmente como *ser/estar* no primeiro caso, *haver/ter* no segundo. Neste trabalho dar-se-á atenção às análises que caracterizam ‘ser/estar’.

Assim, parece interessante sublinhar que a estabilidade da oposição de *ser* / *estar* em Português está desde logo prevista na manifestação dos valores inerentes a 'to be' em latim. Deste modo, os valores de existência e de localização (abstrata ou topológica) reforçam os valores 'iniciais' de *to be*, assumindo em Português (e em Castelhana) formas lexicais diferentes, mas co-relacionadas na sua génese.

Se nos centrarmos, agora, nas propriedades que estas duas formas manifestam nos enunciados em que ocorrem, poderemos, e de acordo com, e.o., Campos (*m.s* / *s/d*) estabelecer uma análise destes verbos, tendo em conta as diferentes operações que – quer ao nível predicativo, quer sob o ponto de vista das operações de determinação – os diferenciam semanticamente. Estas operações incidem, assim, sobre as possíveis predicções em que verbos como *ser* e *estar* podem ocorrer. A partir desta hipótese de trabalho parece verificar-se que, e ainda de acordo com a autora, *ser* é preferencialmente marcador de valores de identificação, enquanto que *estar* define, principalmente, valores de localização (abstrata ou topológica), podendo, em termos mais generalizantes defender-se (ainda de acordo com Campos, *op. cit.*) que tanto *estar* como *ser* marcam um valor de localização em relação ao sistema referencial (*x estar em casa* / *x ser baixo*), mas só *ser* marca uma operação de percurso (i.e., uma operação em que todos os intervalos são validados e validáveis pela própria predicção (*x ser baixo* / *bailarino* / *fumador* / *doente* / *de Lisboa*...)).

Estas observações poderão ser esquematizadas no quadro 1:

| | | |
|---------------------------|-----------------------------------|---------------|
| operações de determinação | Localização em relação a sit | Estar em casa |
| | Localização com valor de percurso | Ser bailarino |
| | Localização em relação a sit | Ser crescido |

QUADRO 1

Assim, e no seguimento de Culioli (1995: 150-151), pode, em termos de generalização, afirmar-se que se se aceitar que *ser* funciona como um localizador da predicção, isto significa que estamos a localizar uma propriedade em relação a um termo. Este facto permite assumir que uma dada ocorrência está localizada em relação ao seu próprio predicado [*x é x = é o que é*]. Por outro lado, se uma dada ocorrência é localizada em relação a uma localização abstracta [*x é no lugar em que está*] não há construção de predicção de existência. Esta diferença permite, de forma mais clara, definir a fronteira entre estes dois verbos.

Se a focalização da análise incidir sobre os valores aspetuais que estes dois verbos definem nas diferentes predicções em que ocorrem (e de acordo com Lopes 1972: 235), verificamos que em predicções como

- 13 a x é parvo /alegre/ doente
 13.b. x está parvo /alegre/ doente

“(...) a propriedade atribuída a x tem um valor imperfeito relativamente ao presente, verificável num dado intervalo de tempo, sem que exista a definição de um fechamento temporal à esquerda”, i.e., neste caso existe uma validação de um dado estados de coisas em relação ao sistema referencial, válido, pelo menos, nesse ponto.

Em contraponto, e ainda segundo o mesmo autor (*ibidem*), com predicções com *estar* em que a propriedade atribuída a x “(...) [se] encontra predicada ao sujeito num intervalo cujos extremos estão próximos [pouco distanciados]. O valor aspetual é (...) imperfeito em relação ao presente (...)”.

Ao compararmos as duas predicções poderemos observar que a diferença entre os dois termos do enunciado se centra, sobretudo, nas propriedades nocionais associadas a *estar* ou a *ser*.

4 – *ser / estar + já / agora / ainda* a construção de uma estabilização temporal

As formas *já / agora / ainda* evidenciam compatibilidade com *ser* e *estar*, no entanto essa compatibilidade reveste-se de natureza diferente. Esta afirmação pode ser baseada nos exemplos que a seguir se apresentam:

14.a A Maria já é crescida / portuguesa /? de Lisboa (≠ ...já a Maria é de Lisboa [mas o Pedro não])

14.b A Maria já está crescida / em Lisboa

15. a A Maria agora é crescida / de Lisboa

15.b A Maria agora está crescida / em Lisboa

16.a A Maria ainda * é crescida / * de Lisboa

16.b A Maria ainda * está crescida / em Lisboa

Numa primeira análise parece ser evidente que só situações estativas transitórias admitem a coocorrência de *ser* e de *estar* com os diferentes adverbiais; quando as situações estativas marcam não-transitoriedade verifica-se existir incompatibilidade entre as predicções (com *ser* e *estar*) e o adverbial *ainda*. No entanto, e tendo ainda presente os exemplos apresentados no paradigma 14 a 16, pode observar-se que existe uma sobreposição de natureza aspetual das predicções com *ser* quando coocorre com *já*; *agora* é o único adverbial que marca simultaneamente compatibilidade com ambos os verbos e reforça o valor temporal da predicção, localizando-a em T0.

Estas constatações podem ainda ser reforçadas com os exemplos propostos em 17:

- 17.a O João já é subdiretor / já está em Lisboa
 17.b O João agora é subdiretor / agora está em Lisboa
 17.c O João ainda é subdiretor / ainda está em Lisboa

Se em 17.a *já* constrói o complementar em relação aos predicado <ser subdiretor> e <estar em Lisboa>, gerando uma interpretação não temporal – passou a ser /passou a estar, em 17.b *agora* delimita, numa cadeia de instantes, um subconjunto desses instantes em que <ser director> e <estar em Lisboa> é válido num (e pelo menos num) dado ponto de referência; finalmente em 17.c *ainda* marca uma duratividade em ambas as predicacões, reforçando a não telecidade da predicacão.

Esta descrição pode, no entanto, ser repensada se se alterar, por exemplo, o tempo gramatical das sequências:

- 17.a' O João já foi subdiretor / já esteve em Lisboa
 17.b' O João agora *?foi subdiretor / agora esteve em Lisboa
 17.c' O João ainda foi subdiretor / ainda esteve em Lisboa
- 17.a'' O João já?será subdiretor / já?estará em Lisboa
 17.b'' O João agora será subdiretor / agora estará em Lisboa
 17.c'' O João ainda será subdiretor / ainda estará em Lisboa

Em termos gerais poderá referir-se as duas questões mais relevantes que decorrem desta ‘manipulação’: a primeira prende-se com a sobreposição do valor temporal de todos os adverbiais em detrimento de outros valores e a justificação para a fraca aceitabilidade de alguns casos, resolvendo-se esta fraca aceitabilidade com a construção de um localizador (temporal) suplementar, (no caso de 17.a'', p.e.: *A esta hora* o João já será subdiretor / já estará em Lisboa).

5. A deformabilidade das formas: *já/agora/ainda + que*

Até agora foram analisadas algumas características das formas *já/agora* e *ainda* enquanto localizadoras temporais, aspetuais (e/ou nocionais) de diferentes acontecimentos linguísticos, tendo-se dado sobretudo relevo aos valores que são construídos e reconstruídos em predicacões com verbos como *ser* e *estar*. No ponto seguinte deste trabalho, analisarei, embora de forma menos aprofundada, a caracterização destes adverbiais quando, por sofrerem processos de dessemantização (uma hipótese possível para esta análise), ocorrem integradas em estruturas oracionais, enquanto locuções. O paradigma de 18 exemplifica o que atrás se afirmou:

- 18.a Já que o João é /foi /será subdiretor... / Já que o João está /esteve /*estará em Lisboa....

18.b Agora que o João é /foi /será subdiretor .../ Agora que o João está /esteve /estará em Lisboa...

18.c Ainda que o João seja /tenha sido /venha a ser subdiretor... / Ainda que o João esteja /tenha estado/ venha a estar em Lisboa...

A partir do conjunto de exemplos apresentado a acima, pode verificar-se que as locuções com *já*, *agora ainda* + *que* iniciam, em todos os casos, uma frase subordinada adverbial. No entanto o valor construído em cada um dos casos é diferente, em dois sentidos: as locuções são diferentes entre si, não sendo possível a intersubstituição de uma das locuções por nenhuma das outras, e, à exceção de *agora* nenhuma das outras formas transporta para essa locução os valores temporais e aspetuais (ou nocionais) que as caracterizam enquanto adverbiais. Deste modo e a partir da observação dos exemplos, poder-se-á verificar que se em 18.a o valor da frase é estritamente causal e em 18.c é concessivo, e só em 18.b parece permanecer um valor temporal marcado pela locução *agora que*.

Um outro ponto relevante será ainda o facto de *ainda que* por marcar um valor concessivo¹¹ obrigar a que o verbo da frase em que ocorre seja construído no modo conjuntivo, qualquer que seja o valor temporal que lhe esteja associado.

A relevância destas observações prende-se, aqui, com o ponto de partida deste trabalho: ao dar-se conta da deformabilidade das formas, através dos valores que manifestam em diferentes enunciados, definiram-se, simultaneamente, as condições que permitem a ocorrência desses valores.¹²

Em termos gerais pode afirmar-se, como generalização possível, que a deformabilidade destas formas assenta numa estabilidade gramatical prevista e regulada na gramática da língua. Assim, ao associarem-se as características semânticas destas formas com os valores inerentes de verbos como *ser* e *estar*, poder-se-á concluir que um enunciado que tem subjacente uma relação predicativa (ar(b)), quando r é um v. estativo – *ser* / *estar* – só em situações transitórias admite a deformabilidade temporal/aspectual dessas relação predicativa; os adverbiais – localizadores temporais /aspectuais – como *agora* / *ainda* / *já* vão ativar a deformabilidade da construção, impondo restrições em relação à predicação donde se partiu; os ajustamentos necessários (como a construção de uma nova localização, p. ex.) permitem a ‘reformulação’ do valor da relação predicativa origem. A coocorrência de formas só é possível quando os valores temporais são sobreponíveis (e geram sequencialidade, como na sequencia *ainda agora o vi*), ou quando uma das formas representa valores de categorias gramaticais diferentes (temporais / aspetuais como as configurações com *agora já*, p. ex.).

¹¹ Sobre a caracterização de construções concessivas, v. sobretudo Lopes 1989.

¹² O estudo destas formas merece (ou já mereceu), ainda uma análise que incida sobre outras configurações disponíveis na língua como, por exemplo, *ainda bem*, *ainda mal*.

Referências bibliográficas

- Campos, H. C. [1984] 1997 Le marqueur 'já': étude d'un phénomène aspectuel. In *Tempo, aspecto e modalidade. Estudos de linguística Portuguesa*. Porto, Porto Editora: 53-67.
- Campos, H.C. [1985] 1997 Elementos para a definição de alguns invariantes da linguagem. In *Tempo, aspecto e modalidade. Estudos de linguística Portuguesa*. Porto, Porto Editora: 69-82.
- Campos, H.C. s/d (s/d) Sobre *ser*, *estar* e *ficar* em Português Europeu (ms).
- Campos, H.C. 2005 Para a unificação dos valores do Perfeito e do Mis que Perfeito em Português. In Carvalho, D. et al (eds) *De(s)afiando discursos*. Lisboa: Universidade Aberta: 133-139.
- Costa, J. 2008 *O advérbio em Português Europeu*. Lisboa: Colibri.
- Culioli, A. [1985] 1990 Stabilité et déformabilité en linguistique. In *Pour une Linguistique de l'énonciation*. Paris, Ophrys: 127-155.
- Culioli, A. 1995 *Cognition and representation in linguistic theory*. Amsterdam: John Benjamins Pub. Company.
- Delbecque, N. & R. Maldonado 2011 Spanish *ya*. A conceptual pragmatic anchor. *Journal of Pragmatics* 43: 73-98.
- Kuteva, T. 1995. The auxiliiation constraint and reference. In R. Geiger 1995 (ed) *Reference in multidisciplinary perspective. Philosophical object. Cognitive subject. Intersubjective process*: 374-386.
- Lopes, A.C. M 1997 Para uma análise semântico-pragmática do pretérito mais que perfeito do Indicativo em Português Europeu. In Brito, A. M. et al. (orgs) *Sentido que a vida faz – Estudos para Óscar Lopes*. Porto: Campo das Letras: 719-731.
- Lopes, O. [1989] 2005 Construções concessivas. Algumas reflexões formais lógico-pragmáticas. In Oliveira F. & A.M. Brito (eds) *Óscar Lopes. Entre a palavra e o discurso*. Porto: Campo das Letras: 193-209.
- Lopes, O. 1972. *Gramática Simbólica do Português*. Lisboa: FCG.
- Matos, S. 1997 Usos não temporais de operadores de tempo e aspecto. In Brito, A. M. et al. (orgs) *Sentido que a vida faz – Estudos para Óscar Lopes*. Porto: Campo das Letras: 719-731.
- Moreira, B. 2005 *Estudo de alguns marcadores enunciativos do português*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Santiago de Compostela (ms).
- Ratzlaff, G. & F. Ratzlaff 2007 Dominance of the auxiliary *to be* in the Present Perfect of World Languages. http://www.ritsumeai.ac.jp/acd/re/krsc/lcs/kiyou/17_1/153-170_RATZLAFF.pdf.
- Sousa, O. 2000 Linguística, filosofia da linguagem e operações cognitivas: a propósito da noção de presente. *Cadernos de Filosofia da Linguagem* (7): 113-122.

